

Editorial

OBJETIVO
É CHEGAR

A prefeitura corre contra o tempo para pôr em operação o Move, sistema de transporte rápido por ônibus cuja origem é atribuída à experiência iniciada em Curitiba pelo prefeito e urbanista Jaime Lerner, nos anos de 1970.

A demanda da população era pela expansão do metrô. Diante das dificuldades, sobretudo financeiras, a administração municipal optou pelo BRT, que pode estar sendo implantado com sua capacidade de absorção comprometida.

Essa é a dúvida. No entanto, a demanda pode ser atenuada pelo uso de outros modais de transporte, que se integrariam para atender às necessidades da população. Um desses meios são as bicicletas, hoje mais usadas como lazer.

A prefeitura está acrescentando mais 25 quilômetros de ciclovias aos 55 que a cidade tem em várias regiões. A ideia é fazer com que o cidadão utilize mais de um meio de transporte para se deslocar pela cidade.

A bicicleta é um deles. O cidadão pode utilizá-la num trecho e depois usar o ônibus, o BRT ou o metrô para chegar ao trabalho ou à escola. Para isso, é preciso dotar a cidade de bicicletários ou formas de transportar as bikes.

O Move está propagando que vai transportar as bicicletas. No entanto, só vai fazê-lo aos sábados e domingos, não nos dias úteis, quando mais o trânsito precisaria ser desafogado do uso dos automóveis particulares.

A prefeitura quer que, até 2020, 6% das viagens dentro da cidade sejam feitas de bicicletas. Mas, para isso, será preciso integrar as bikes com os outros meios de transporte. Sem isso, o modal acaba ficando inviável.

Será preciso também mudar a cultura do ciclista. Ele não pode querer que as ciclovias o levem a qualquer ponto da cidade. Há áreas acidentadas onde a implantação de ciclovias é problemática ou mesmo impossível.

Como ocorre em outros países, a bicicleta não pode ser o único meio de transporte. Ele deve ser integrado com outros modais, em especial nos deslocamentos mais longos. Com racionalidade, tem tudo para dar certo.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

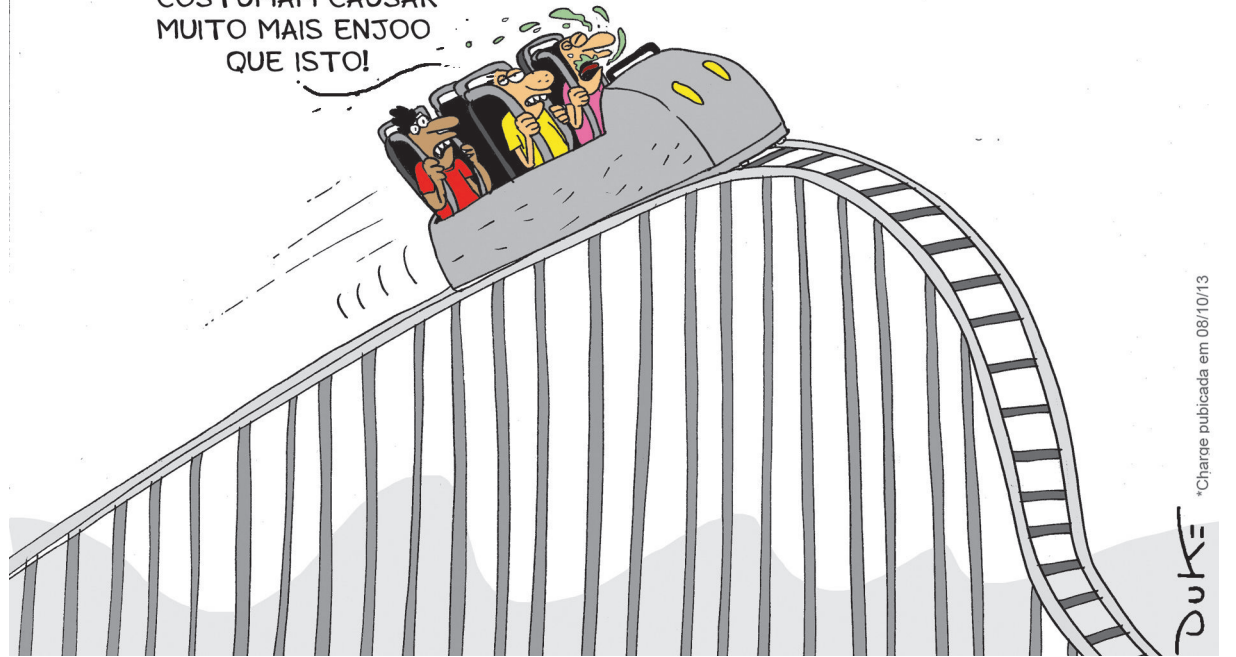
Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

ACREDITE! CERTAS
ALIANÇAS POLÍTICAS
COSTUMAM CAUSAR
MUITO MAIS ENJOO
QUE ISTO!



www.dukechargista.com.br

*Charge publicada em 08/10/13

DUKE



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

“Tá caindo fulô...” – memórias de
Valdete e das Meninas de Sinhá

Na Polônia, caiu a ficha do acerto de seu trabalho como terapia

Levei um tempão para assimilar o falecimento de Valdete da Silva Cordeiro, criadora das Meninas de Sinhá (1989), aos 75 anos, em 14.1.2014. Tinha aura de eterna a mineira de Barra, na Bahia (1938). Veio para BH, com sua madrinha, aos 5 anos. Estudo? Até o 2º ano do antigo primário! Trabalhou como doméstica e no Ciame. Era aposentada do Estado. “Deixou marido, 4 filhos, 16 netos e 4 bisnetos”.

De plantão, não fui ao enterro. Viajei na memória para “mulherar” uma negra, comunista (PCdoB), feminista e antirracista. Foi liderança comunista destacada nas lutas comunitárias. Juntas, percorremos o Alto Vera Cruz coletando assinaturas para a Emenda Popular Saúde da Mulher na Constituinte Mineira: garantia de serviços de aborto previsto em lei (gravidez pós-estupro e risco de vida da gestante).

Valdete foi minha vice quando presidi o Movimento Popular da Mulher (MPM), de 1989 a 1991. Numa reunião do MPM, ela argumentou que precisávamos fazer algo pelas idosas de seu bairro, dopadas de diazepam! A bem da verdade, ela comunicou uma decisão que sua perspicácia e sabedoria definiram como um imperativo ético contra a medicalização abusiva. E arrematou: “Elas ficam sem comer, mas sem diazepam, não! Tudo em mulher hoje em dia é depressão, como em criança é virose!”. Honestamente? Eu, médica, ouvia pela primeira vez uma crítica impecável sobre a futilidade terapêutica e a banalização do diagnóstico de depressão.

Era de uma inteligência rara: pegava tudo no ar. A proposta dela decorria

de discussões do MPM sobre “medicalização do corpo”, enfatizando o parto, sob o olhar crítico feminista. Era 1989! Não foi fácil Valdete materializar a ideia, milimetricamente pensada por ela, centrada na busca da autoestima!

O Meninas de Sinhá se concretizou como grupo cultural de resgate de cantigas de roda, com cerca de 30 mulheres, dos 50 aos 90 e tantos anos, com um sucesso deslumbrante. O primeiro CD (“Tá Caindo Fulô”, 2007) ganhou o prêmio TIM de Música Brasileira em 2008, o 6º prêmio Rival Petrobras de Música e

“Elas ficam sem comer, mas sem diazepam, não!”. Ouvia pela primeira vez uma crítica sobre a banalização do diagnóstico de depressão.

o reconhecimento de patrimônio cultural brasileiro pelo Ministério da Cultura no prêmio Cultura Viva 2007. “Roda da Vida”, o segundo CD, 2011, é apoteótico.

Ano passado, eu e Kia Lilly passamos uma tarde na casa de Valdete. Um papão: a origem feminista das Meninas de Sinhá e as vezes em que fui ao Alto Vera Cruz. Embevecidas, ouvimos o relato dela sobre as Meninas de Sinhá na 8ª edição do Festival Brave (Breslândia, Polônia, de 2 a 7 de julho de 2012). “Lá, caiu a ficha do acerto de nosso trabalho como terapia. Lá, doei sementinhas de Meninas de Sinhá pra muitas partes do mundo”.

A criatividade dela era singular. Em 2013, saindo do plantão, nos encontramos na portaria do hospital. Fomos a um café... “Fátima, inventar é comigo mesmo! Sou boa nisso, desde menina”. Inventou seu sobrenome (da Silva) aos 16 anos para se registrar e, antes, inventou a data de seu aniversário (só sabia o ano), escolheu o 7 de setembro. Disse ao Museu da Pessoa (5.8.2007): “É inventado meu aniversário. E quis fazer uma festa. Fui juntando dinheiro... Comprei doces no botequim, cortei os pedacinhos, pus em um prato. E o bolo?! E o bolo? Eu não tinha bolo. Arrumei uma caixinha de sapato, comprei as velas... Enfiei na caixa, foi meu bolo de aniversário... Fiz aquela festa... A meninada gostou... Bolo de caixa de sapato e doce de botequim”.

É, Valdete: “Tá caindo fulô, eh eh/ Tá caindo fulô, eh ah/ Lá do céu, cai na terra, eh/ Tá caindo fulô...”.

DUKE

